

Com testosterona, sem pigmento

theguardian O ministério de Michel Temer espelha o retorno à plutocracia

POR JONATHAN WATTS, DO RIO DE JANEIRO

A imagem do Brasil como uma democracia liberal multiétnica talvez tenha sido sempre mais mito que realidade. Mas qualquer ilusão desse tipo ainda restante foi varrida com a nomeação pelo presidente interino, Michel Temer, do primeiro gabinete totalmente masculino do País desde o fim da ditadura, em 1985.

Depois de conspirar para suspender a primeira presidente mulher do País, sua ex-companheira de chapa eleitoral, Dilma Rousseff, o patrício de 75 anos rapidamente mostrou seus instintos conservadores com uma seleção principalmente branca de ministros, que inclui um barão da soja para o cargo da Agricultura e um ministro da Fazenda que declarou de imediato a necessidade de cortes abrangentes.

Como ficou evidente pelo time de homens brancos de terno que rodeavam o líder sorridente durante seu discurso de posse, a antiga elite do Brasil está mais uma vez no leme. E sente pouca obrigação de representar os 52% da população que são mulheres ou os 53% mestiços. Foi um contraste surpreendente com o gabinete e a equipe do governo de Rousseff, muito mais diversificados em gênero e raça.

Temer não pediu desculpas por retroceder aos valores tradicionais. Assim como muitos manifestantes pró-*impeachment* se enrolaram na bandeira nacional,

ele declarou que o mote de seu novo governo seria “Ordem e Progresso”, o slogan positivista que adorna o símbolo do País.

O progresso, entretanto, não parece incluir melhoras nos direitos das mulheres, há muito tratadas como cidadãs de segunda classe nessa cultura machista.

Uma capa recente da revista *Veja*, porta-voz da direita conservadora, prestou homenagem a esses ideais, descrevendo a mulher de Temer, Marcela, ex-candidata a “miss” que é 43 anos mais moça que ele, como “bela, recatada e do lar”. Na entrevista, a primeira-dama, que tem o nome do marido tatuado na nuca, disse sentir-se feliz por ele ainda ter tempo de levá-la para jantar a cada 15 dias.

Rousseff, ex-guerrilheira marxista presa com uma arma na bolsa e vítima de torturas durante a ditadura, mas que seguiu em frente e liderou o País mais poderoso da América Latina, era a antítese da visão direitista de feminilidade.

O mito da democracia multiétnica foi definitivamente enterrado



Em seu discurso de despedida, disse ter sido vítima de traição e misoginia. Durante a ruidosa votação do *impeachment* na Câmara dos Deputados, muitos congressistas conservadores e suas mulheres e namoradas posaram com cartazes condescendentes que diziam “Tchau querida”.

O legislador ultraconservador Jair Bolsonaro deu um passo além e dedicou o seu voto ao torturador-mor da ditadura, Carlos Alberto Brilhante Ustra, que ele descreveu sadicamente como “o terror de Dilma”. Apesar da condenação da esquerda a



O patrício e seus homens brancos

VALTER CAMPANATO/ABR E GABRIELA KOROSSY/CÂMARA DOS DEPUTADOS

seu comentário, Bolsonaro não foi punido. Entre a direita, ele cresceu em popularidade. Ganhou mais de 500 mil “curtidas” no Facebook nas duas semanas seguintes.

Rousseff foi desprovida de seus poderes na quinta-feira 12, depois de perder uma votação preliminar de *impeachment* no Senado, após uma derrota esmagadora semelhante na Câmara em abril. Agora ela enfrenta o julgamento do Senado por acusações de manipular as contas do governo para dar uma impressão irreal da saúde financeira do País antes da eleição de 2014. Ela tem uma chance reduzida de evitar a remoção definitiva do cargo. A votação final no Senado, que exige maioria de dois terços, poderá ocorrer em setembro.

Muitos de seus acusadores, contudo, são investigados por crimes muito mais sérios. Temer enfrenta um pedido de *impeach-*

ment e foi vetado de disputar cargos políticos durante oito anos, devido a violações eleitorais. Ele também foi citado em duas delações premiadas na atual investigação da Operação Lava Jato, sobre o escândalo de comissões e propinas na companhia estatal de petróleo, Petrobras. Meia dúzia de outros integrantes de seu gabinete proposto, incluído o novo secretário do Planejamento, Romero Jucá, enfrenta acusações de promotores da Lava Jato.

Apesar desses problemas, Temer disse ter “absoluta confiança” em sua capacidade de reverter as coisas com o apoio da população. “É urgente restaurar a paz e unir o Brasil. Devemos formar um governo que salvará a nação”, afirmou.

Enquanto falava, houve pequenos tumultos diante do edifício, onde várias dúzias de manifestantes realizaram um

protesto contra Temer. Eles foram expulsos por guardas de segurança com cassetetes e sprays de pimenta.

Muitos duvidam de que um governo totalmente masculino e predominantemente branco possa unir um dos países de maior diversidade étnica do mundo, especialmente por seu foco principal estar no corte dos gastos do governo para atrair investimento estrangeiro.

Ana Claudia Farranha, a única professora negra em seu departamento na Universidade de Brasília, disse que o gabinete de Temer mostra quão distante ele está da população, e que será um período de fraqueza. “Parece que demos um passo atrás”, afirma. “Eles dizem que querem construir ‘uma ponte para o futuro’, mas não é uma coalizão com a sociedade. É uma facção hegemônica dentro de um bloco político. Esse arranjo dá ao governo muita fragilidade.”

Certamente resultou em muita zombaria. Além da direita conservadora, o outro Brasil, que pretende ser mais inclusivo e igualitário, reagiu com indignação e mau humor.

Entre os muitos memes e comentários críticos online havia um de @andretig, que comentou: “Ordem e progresso sem mulheres ou negros como primeiro passo. O governo Temer começa com muita testosterona e pouco pigmento”.

Para os grupos indígenas, que sofreram sob todos os governos em mais de 500 anos, a diferença é de grau. “Dilma não era perfeita, mas pelo menos nos deu uma voz”, compara Edinaldo Arágun, chefe do povo tabajara, do estado da Paraíba, participante da manifestação de adeus a Rousseff. “O novo governo será muito pior. Eles são criminosos e ladrões que vão tirar nossa terra, como vêm fazendo há centenas de anos.” •

Tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves

